



# Operação carne fraca: discurso, memória e posições-sujeito numa análise discursiva

## Dalexon Sérgio da Silva

Doutor em Ciências da Linguagem

Universidade Católica de Pernambuco, UNICAP, Brasil.

E-mail: [dalexon@uol.com.br](mailto:dalexon@uol.com.br)

É Professor do Programa Especial de graduação em Pedagogia pela Universidade de Pernambuco (UPE)

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5977-361X>

## Arthur de Araújo Filgueiras

Doutorando em Ciências da Linguagem

Universidade Católica de Pernambuco, UNICAP, Brasil.

E-mail: [arthurfilgueiras@yahoo.com.br](mailto:arthurfilgueiras@yahoo.com.br)

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6935-1747>

## Nadia Pereira Gonçalves de Azevedo

Doutorando em Letras e Linguística

Universidade Federal de Pernambuco, UFPB, Brasil.

E-mail: [pernambuco.nadiaazevedo@gmail.com](mailto:pernambuco.nadiaazevedo@gmail.com)

É professora e pesquisadora no Programa de Pós-graduação stricto sensu em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco.

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6425-2846>

**Revista Falange Miúda**

ISSN 2525-5169

**Periodicidade:**

Fluxo contínuo

**Volume 4**

**Número 2**

**Recebido em:** 13/08/19

**Aprovado em:** 30/09/19

## Resumo

Baseado na Análise de Discurso Francesa, este trabalho analisa uma charge num evento social com alusão à Operação Carne Fraca, da Polícia Federal, que colocou em xeque a credibilidade das carnes comercializadas no/do Brasil. Assim, a China, os Estados Unidos e países europeus produziram vetos e restrições ao mercado brasileiro de carnes. Nesse direcionamento, este artigo analisa o acionamento da memória discursiva, das posições-sujeito e dos efeitos de sentido produzidos a partir da circulação desse enunciado. Para tal, promove um gesto analítico de como essa materialidade discursiva chargística produz efeitos de sentido nessa relação constitutiva entre paráfrase e polissemia.

**Palavras-chave:** Análise do Discurso. Memória Discursiva. Posição-sujeito.

## 1 Considerações preliminares

O site g1.com (G1, 2017), no dia 17 de março de 2017, trouxe como manchete de capa a seguinte matéria: **Imprensa internacional repercute operação Carne Fraca no Brasil**. A matéria afirma que a agência *Bloomberg* diz que as principais exportadoras de carne e frango no Brasil, a JBS e a BRF, estavam sob a mira da investigação de um grande esquema de corrupção que também envolveu carnes para exportação, incluindo uma carga contaminada com salmonela que se destinava à Europa.

Na citada reportagem, afirma-se que a polícia federal, por meio da operação Carne Fraca, encontrou evidências de que as companhias estavam, realmente, praticando a adulteração de pacotes para vender produtos que já haviam expirado e que encontrou níveis mais altos do que o permitido em peças como cabeças de porco misturadas com salsichas e frios. Tal reportagem citou o jornal *Financial Times* e o *Wall Street Journal*, pois ambos dizem que essa investigação simboliza a moral fragilizada dos agentes públicos brasileiros, que supostamente permitiram-se serem corruptos, o que minava a credibilidade das empresas envolvidas e da indústria brasileira de carne.

Do exposto, nessa atual conjuntura de um turbilhão de denúncias e repercussões mundiais, muitas consequências houve. A China proibiu o desembarque de carne brasileira, a Europa exigiu vigilância extra, o Chile interrompeu temporariamente as importações e vários países criaram bloqueios e limites para as carnes importadas do Brasil.

Logo, foi inserido nessa repercussão de sentido de que a carne brasileira é fraca, que o mundo fez circular esse enunciado, que teve como elemento fundador as investigações da Polícia Federal do Brasil. É diante desses posicionamentos negativos e repressores dos demais importadores e dos sentidos originários a partir da **Operação Carne Fraca**, bem como, de uma charge que alude a essa operação da Polícia Federal, que este trabalho busca analisar:

- i) Quais efeitos de sentido são produzidos a partir do enunciado: **Carne fraca** e de uma charge que alude a esse enunciado?
- ii) Como se apresenta e funciona a memória discursiva nesse enunciado e na charge apresentada, mais adiante, na metodologia?
- iii) Como a inscrição numa posição-sujeito provoca efeitos de sentido?

Para responder a tais questões de pesquisa, este artigo realiza uma construção do dispositivo analítico, tal como afirma Orlandi (2013), que é o ato do analista de discurso de mobilizar os instrumentos necessários da Análise do Discurso de linha francesa, para realizar um gesto de interpretação do seu objeto de estudo. Deste modo, o analista efetua um corte seletivo para retirar os elementos que não estejam

estritamente ligados ao que se está trabalhando numa determinada materialidade discursiva. Assim, não se faz pertinente a presença de tópicos da Análise do Discurso que não se relacionem estritamente com o corpus discursivo analisado, evitando-se um excesso de informações, que não estejam realmente focadas ao seu gesto de interpretação. Nessa diretriz, este artigo está assim organizado: no primeiro momento, discutem-se os conceitos de memória discursiva, efeitos de sentido e posições-sujeito, à luz da perspectiva teórica da Análise do Discurso de linha francesa pecheutiana (AD). No segundo momento, será apresentado o procedimento metodológico. Depois, a análise da materialidade discursiva (Enunciado: A carne é fraca e uma charge) e por fim, as considerações finais.

### 1.1 Efeitos de sentido, memória discursiva e posições-sujeito na Análise do Discurso de linha francesa

De acordo com Pêcheux (1969) e Brandão (2004), os sentidos não se sustentam no sujeito, pois o sujeito é descentrado da sua posição de controle e é cindido na estrutura. Assim, ao se inscrever numa formação discursiva para enunciar, levando-se em consideração que, para Pêcheux (1969, 1999, 1997) a formação discursiva é aquilo que numa conjuntura dada determina o que pode e o que deve ser dito, o sujeito identificado a esse lugar de interpelação ideológica configurada como uma matriz de sentido pode promover uma mudança de matriz semântica. Desse modo, segundo Orlandi (2007, 2012), falar em mudança de matriz semântica representa também uma mudança de formação discursiva. Nesse sentido, não há uniformidade semântica, já que sujeitos podem ocupar diferentes posições, em diferentes conjunturas sócio-históricas. Ao posicionamento que o sujeito da AD toma chama-se **posições-sujeito**.

Logo, entende-se, em consonância com a autora, que é por essa concepção de sentido e de sujeito que a AD desloca a noção de sentido único e propõe a de efeitos de sentido, pois os efeitos de sentido são entendidos como o discurso. É nessa percepção que para Pêcheux (1969), Orlandi (2012, 2005) e Mariani (2006), **o discurso é o efeito de sentido entre locutores**. Efeito justamente porque, ao se refutar as **transparências** (do sujeito, da linguagem, da história, da **realidade**), o que resta ao sujeito são efeitos (de objetividade, de transparência, de comunicação bem-sucedida). Assim, é nessa percepção que o discurso nos é apresentado por Indursky (1997, 2000) como objeto sócio-histórico, pois o linguístico intervém como pressuposto que aponta para a exterioridade constitutiva pela historicidade nas práticas sociais.

Pêcheux (1997) diz que o discurso é estrutura e acontecimento. É nessa assertiva que o discurso é estrutura, porque o linguístico intervém como pressuposto e é acontecimento, porque promove o encontro de uma memória (ou rede de memórias) e de uma atualidade. Por tal motivo, os sentidos sempre se filiam a outros

sentidos e assim vão construindo redes histórico-semânticas entre repetição e reformulação, entre paráfrase e polissemia. Nesse item, os sentidos se materializam na ordem da língua e os efeitos de sentido são produzidos no discurso.

É nesse direcionamento que Orlandi (2007, 2012) e Lagazzi (2010) nos mostram que o sujeito é um lugar de significação historicamente constituído, ou seja, uma posição. É desse modo que os sentidos são produzidos em condições específicas e sempre numa relação da língua com a exterioridade. É inscrito nessa perspectiva que enunciados mostram-se nos sujeitos e que sujeitos enunciam de um lugar social, inscritos numa formação discursiva e se constituem numa posição-sujeito. Nessa conjuntura, ao mesmo tempo, conforme compreendem Pêcheux (1969, 1988) e Orlandi (2001, 2012), sujeito e sentido se constituem mutuamente. Deste modo, assujeitado pela ideologia que o interpela e afetado pelo inconsciente, pela falha e pelo equívoco, o sujeito desejante vai assumindo posições-sujeito.

É nessa rede de movências de sentidos e de sujeito desejante que ele vai se posicionando. De acordo com Orlandi (2012), o sujeito da Análise do Discurso de linha francesa é um lugar construído pela linguagem, no qual a partir de sua inscrição numa memória se pode enunciar. Logo, a autora nos aponta que a memória é o saber discursivo, os sentidos a que já não temos mais acesso, que foram constituídos ao longo de uma história e que estão em nós, sem pedir licença. A memória, compreendida por Orlandi (2001, 2003) em relação ao discurso, é tratada como interdiscurso. Acerca disso convém pontuar que se assume o conceito de memória discursiva defendido por Pêcheux, ao apontar que:

[...] a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ser lido, vem restabelecer os 'ímplicitos' (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível (PÊCHEUX, 1999, p. 52).

Nessa concepção, a memória discursiva abarca em si todos os sentidos já atribuídos. Dito de outro modo, ela guarda tudo o que já foi historicamente simbolizado, por meio da produção simbólica das práticas sociais. É desse modo que para Pêcheux (1997), Orlandi (2005, 2007, 2012) e Lagazzi (2010), a relação de sentido postula que todo discurso faz parte de um processo, que é determinado por dizeres prévios e aponta para dizeres não-ditos. É um saber que possibilita que nossas palavras façam sentido e corresponda a algo falado anteriormente, em outro lugar, a algo **já dito**, entretanto, ainda continua alinhavando os nossos discursos, mas para o sujeito, a memória discursiva funciona pelo esquecimento. É desse modo que ele se esquece da primeira vez que ouviu determinada palavra e se cria nele a ilusão de que os sentidos nascem nele e que é ele (o sujeito), a origem dos sentidos, quando na realidade são sempre retomados os sentidos pré-construídos.

Em síntese, o sujeito da Análise do Discurso de linha francesa é um lugar de significação historicamente constituído. Dito de outro modo, é uma posição, contudo

não se trata de uma posição geográfica, física dos organismos humanos, não é empírica. Do contrário, são lugares representados no discurso e transformados pelo imaginário, que concede força a esse lugar e estabelece relações entre linguagem e mundo. Ainda assim, não é uma relação direta, mas funciona como se fosse, por causa da força do imaginário e é a inscrição da história na língua que faz com que a língua signifique.

## 2 Aspectos metodológicos

O universo da pesquisa é constituído por uma charge publicizada no blog **bastidoresdanoticiadracena.blogspot.com**, que foi acessada em 21 de março de 2019. Na imagem se pode verificar a presença de elementos característicos de um evento social no qual um garçom oferece o *menu* a um cliente. Nesse ponto, conforme outrora citado, a charge será analisada à luz da perspectiva teórica e analítica da Análise do Discurso de linha francesa. Assim, a charge funciona como materialidade discursiva que mobiliza a memória discursiva acerca do enunciado difundido pela Polícia Federal do Brasil, como **Operação Carne Fraca**. Nesse aporte, a charge será analisada como materialidade discursiva em relação à situação. Logo, importa para esta análise, o seu funcionamento.

## 3 Memória, efeitos de sentido e posições-sujeito numa materialidade chargística

A seguir, a charge, como materialidade discursiva da análise.

**Figura 1:** Charge da Carne Fraca



**Fonte:** CARNE FRACA, 2017.

O gênero charge tornou-se muito difundido por apresentar, principalmente, a sátira e provocar o humor em seu interlocutor. É desse modo que o comentário e a banalização dos fatos cotidianos constituem esse universo chargístico. Acerca disso:

O termo charge é francês, vem de charger, carregar, exagerar e até mesmo atacar violentamente (uma carga de cavalaria). Este tipo de texto tem caráter temporal, pois trata do fato do dia. Dentro da terminologia do desenho de humor pode-se destacar, além da charge, o cartum (satiriza um fato específico de conhecimento público de caráter atemporal), a tira, os quadrinhos e a caricatura pessoal. A charge será alvo do estudo por trazer, em uma análise superficial, implícita a história e a presença do interdiscurso. Ela é o local escolhido pela ironia, metáfora (transferência), pelo contexto, pelo sujeito, para atuar. Por ser combativa, tem lugar de destaque em jornais, revistas e na Internet. Portanto, ampla poderá ser a leitura interpretativa por nela se constatar a presença da linguagem, da história e da ideologia (SILVA, 2004, p. 13).

Partindo desses postulados a respeito das charges, esta pesquisa passa a mostrar, agora, que é desse modo que a charge aponta para um discurso que apresenta uma regularidade sobre o funcionamento da memória discursiva a partir de posições-sujeito e da operação da Polícia Federal do Brasil sobre o enunciado **Operação Carne Fraca**, que é acionado nesta materialidade chargística.

Orlandi (2001, 2005, 2012) afirma que a forma material carrega em si os preceitos do materialismo histórico que aponta para os conceitos de ideologia e história. Pêcheux (1969, 1988), ao articular as noções de ideologia e inconsciente na linguagem, revela que os sentidos são constituídos historicamente por meio dessa relação simbólico/ideologia/inconsciente. Logo, é a materialidade que permite entender o funcionamento da ideologia pelo inconsciente. Lagazzi (2010) compreende como materialidade significante que envolve essa relação, apresentada acima, o que a torna nem abstrata, nem concreta, nem empírica, mas matéria simbólica. É, pois, neste universo de sentidos que este artigo trabalha com a charge como materialidade discursiva.

A partir da teoria exposta, na charge acima é possível observar, via funcionamento da memória discursiva, que se trata de um evento social, no qual um sujeito que ocupa a posição de garçom anota o pedido do cliente. Notam-se, entre os sujeitos envolvidos nesse acontecimento, os seguintes enunciados em diálogo: “- Vai querer o bife bem ou mal passado?” “- Benzido”. Na análise, pode-se perceber, através do acionamento da memória discursiva, a materialização dos valores do catolicismo pela prática religiosa do ritual de benzer, como salienta Pêcheux (1969) ao afirmar que alguma coisa fala antes noutro lugar, independentemente e diferentemente. Ao dizer “Benzido”, o sujeito-cliente faz circular ecos vindos de outro lugar, produzindo efeitos de sentido e deslocamentos.

É nesse espaço social, cuja representação reforça valores culturais que, conforme nos dizem Pêcheux (1969, 1988, 1997) e Orlandi (2001, 2007, 2012), sujeito e sentido se constituem mutuamente nesta relação sempre constitutiva entre discurso, história e memória, trazendo a reconfiguração do pré-construído, de uma prática que é histórica (o padre benzer) e que é valorizada e legitimada pelo funcionamento da memória discursiva. É desse modo que o sentido não está colado no termo linguístico “benzido”, mas o linguístico intervém como pressuposto apontando para a exterioridade, para o já-dito noutra lugar.

Contudo, ocorre uma reatualização desse ritual católico, pois a charge não apresenta os sujeitos dentro de uma igreja, mas os mostra inscritos noutras condições de produção do discurso e noutra matriz semântica, numa relação social entre o garçom e o cliente, o que faz provocar deslocamentos. Para Orlandi,

[...] é, portanto, por meio desse refazimento do dizer, que a memória histórica é temporalizada, uma vez que se torna legítima ao ser retomada por meio de marcas identitárias – representação simbólica – de nossa cultura (ORLANDI, 2003, p.15).

Assim funciona a memória discursiva na charge acima, atualizando verdades inscritas na memória, pois todo enunciado está na ordem do repetível e traz elementos que comportam um campo de referências antecedentes, aos quais se situa. É desse modo que enunciados mostram-se nos sujeitos e sujeitos enunciam de um lugar social, inscritos numa formação discursiva e se constituem numa posição-sujeito (a posição-sujeito garçom e a posição-sujeito cliente), como observamos nesta charge.

É constitutivo no processo de significação entender de que lugar essa charge se mostra, para que se possa perceber como essa materialidade é formulada. Assim, entender que essa charge está no blog: **bastidoresdanoticiadracena.blogspot.com**, não aponta apenas para um local geográfico ou específico em si. Ela não está isolada, ensimesmada num lugar ermo, mas marca a posição desse lugar, pois esse site hospeda charges que trazem, com regularidade, discursos acerca da situação atual do Brasil e do mundo, de forma satírica e pelo viés humorístico, ao mostrar personagens inscritos nos acontecimentos do cotidiano. Logo, é preciso compreender que é desse lugar de enfrentamentos ideológicos que este artigo extrai a citada charge, que está envolta nessas condições de produção.

Assim, conforme citado, ela foi publicizada no dia 21 de março de 2016, data na qual os veículos de comunicação do Brasil, como o portal G1 (2017), bem como na mídia internacional, por exemplo, os jornais: *Financial Times* e o *Wall Street Journal* trouxeram matérias relacionadas à **Operação Carne Fraca**, realizada pela Política Federal do Brasil que diziam que essa investigação simboliza a moral fragilizada dos agentes públicos brasileiros, que supostamente permitiram-se serem corruptos e minava a credibilidade das empresas envolvidas e da indústria brasileira

de carne. Logo, esta charge se inscreve nas discussões atuais acerca da qualidade da carne brasileira.

Ao entender em quais condições de produção esta charge foi produzida e circulada, percebe-se, pela ativação da memória discursiva em seu funcionamento, que o termo linguístico **benzido** se inscreve numa rede de memórias para enunciar. O sujeito-cliente faz circular sentidos provenientes do encontro de uma memória atual (a operação carne fraca) e de uma rede de memórias reportadas ao ritual católico de benzer. De modo que esse sujeito clivado, cindido em sua estrutura, busca como sujeito desejante uma completude pelo preenchimento divino ao ser atravessado pelo discurso religioso católico. Logo, se a carne brasileira é fraca, Deus é forte. Dessa forma, esse sujeito desejante, incompleto, afetado pela **ideologia da carne fraca** e tocado pelo inconsciente, busca por causa da falha na qualidade da carne brasileira, a completude através do divino, do sagrado. Assim, a paráfrase provoca o deslizamento de sentidos, há a polissemia que aponta para a compreensão de que a carne brasileira precisa ser **benzida** para se ter confiança em seu consumo.

É desse modo que o sujeito-cliente ao ser indagado pelo sujeito-garçom: “Vai querer o bife bem ou mal passado”? De imediato, responde: “benzido”. Aqui, circulam vários efeitos de sentidos (de medo, de desconfiança, de insegurança). A pergunta feita pelo sujeito-garçom é própria do discurso dessa posição-sujeito social de quem enuncia como garçom. Assim, torna-se comum indagar em relação ao paladar do sujeito-cliente visando atendê-lo bem em suas preferências, contudo a resposta dada pelo sujeito-cliente vem de outra ordem, de outra posição-sujeito, que é a posição-sujeito católica, pois as falhas nos órgãos fiscalizadores das carnes brasileiras fazem com que o sujeito-consumidor faça circular, dentre outros, o efeito de sentido de desconfiança e a busca por completude em outro plano, da ordem espiritual.

Desse modo, ao buscar a completude no desejo pelo preenchimento pelo discurso divino, o sujeito-cliente desejante promove o atravessamento do discurso do humor num viés satírico, elemento característico, bem típico dessa materialidade discursiva chargística, pois ao dizer: “benzida”, o cliente, presente nesta charge, produz também o efeito de sentido de deboche e de crítica, que provoca uma mexida na rede de filiações de sentidos para marcar a sua posição satírica diante da gravidade da situação à qual se encontra inserida a carne brasileira. Segundo Maringoni (1996, p. 85), “a sátira, o comentário e a banalização dos fatos cotidianos e da política nacional fazem parte da prática do chargista”. Assim, produzir charge está intimamente atrelado à necessidade do ser humano em gerar críticas, principalmente, ao sistema sócio-político no qual se encontra inserido, especialmente, no atinente àqueles que detêm o poder político e/ou econômico. Nesse ponto, as charges trazem a movência das práticas sociais.

Outras posições-sujeito podem ser relacionadas pelo acionamento da memória discursiva nessa charge. Assim, ao ressoar ecos de vêm de outro lugar, esta charge marca a posição inscrita do sujeito policial, pois foi a Polícia Federal do Brasil quem

fez circular esse discurso fundador da **Operação Carne Fraca**. Todavia, se a carne é fraca, o enunciado é forte, pois causou impactos ao provocar a proliferação de vários efeitos de sentido advindos de sujeitos que ocupam a posição social de autoridades internacionais, como o presidente da China, por exemplo, e de outras a nível internacional, que fizeram circular efeitos de veto, de repreensão, de repúdio, de desconfiança, de negação, de proibição, dentre outros, a toda a carne que fosse originária do Brasil.

Dito de outro modo é desse modo que a charge funciona como materialidade discursiva e produz efeitos de sentido, pois conforme contribui Lagazzi (2009, p 276), “a noção de materialidade é compreendida como o modo significante pelo qual o sentido se formula”. Nesse viés, a língua, assim como a imagem, o gesto, a materialidade fílmica, são lugares de inscrição do discurso, pois o discurso se materializa na língua, inscreve-se nela e determina o seu funcionamento. Logo, é por meio desse funcionamento que ocorre a ativação da memória discursiva, pois essa materialidade chargística faz ressoar ecos que apontam para esses sujeitos (policiais federais, presidentes, líderes políticos, dentre outros). Embora esses sujeitos não sejam citados (marcados) na superfície do texto, o linguístico na charge intervém como pressuposto e aponta para a exterioridade que os trazem via memória discursiva, pois como outrora citado, essa materialidade chargística foi produzida e circulada nessa conjuntura social da **Operação Carne Fraca**.

Vê-se nesse ponto que, o poder está no lugar ocupado pelo sujeito, como defende Orlandi (2001, 2012), ao dizer que na relação de forças, o sentido das palavras é regulado de acordo com o lugar social ocupado pelo sujeito-falante. Nessa perspectiva, a posição social ocupada pelos agentes da Polícia Federal marcou a formação discursiva do enunciado **Operação Carne Fraca**. O seu lugar social já se projeta com força repressiva, como bem defende Althusser (1996, p. 114), ao dizer que são “[...] o exército, a polícia, os tribunais, os presídios etc, que constituem o que doravante denominaremos de Aparelho Repressivo de Estado”. O repressivo sugere que o Aparelho de Estado em questão **funciona pela violência**. De acordo com Torres (2001), essas práticas sociais apresentados nesse universo chargístico são marcadas pelas formas como os sujeitos as representam socialmente. Nesse ponto, o enunciado produzido pela Polícia Federal do Brasil, a partir da sua posição ocupada como **Aparelho Repressivo do Estado**, cristalizou este enunciado sobre a carne brasileira, fazendo reverberar efeitos de sentido de precariedade e de insegurança da carne do Brasil, pois ela foi enunciada a partir de um lugar social marcado pela repressão (o lugar da Polícia Federal), como instrumentalização da ideologia dominante, pelo uso da violência que marca a posição de punitiva e repressiva aos sujeitos responsáveis pelo enfraquecimento da carne brasileira em carne fraca. Logo, não adequada para consumo em sua totalidade, pois a própria carne passa a significar uma violência à saúde do consumidor do Brasil e do mundo em geral.

Nesse ponto, Pêcheux (1998, 1999) tece seus estudos observando que certos dizeres dominam outros dizeres, segundo a representação que se faz do lugar social ocupado por aquele que enuncia – variação de dominância das palavras. Logo, com a proliferação desse enunciado (a carne é fraca), o Brasil se viu bombardeado por restrições advindas de sujeitos que ocupam um lugar social de grande poder comercial, por serem países ricos de Primeiro Mundo, que compram as carnes brasileiras, mas que diante desse efeito de repercussão negativo das carnes originárias do Brasil, decidiram endurecer as fronteiras nas relações diplomáticas comerciais, pondo vetos à carne brasileira.

Logo, se a posição-sujeito dos agentes da Polícia Federal do Brasil fez circular efeitos de sentido de carne fraca, carne não boa para consumo e carne sem fiscalização adequada, a posição-sujeito de líderes políticos internacionais, que importam a carne brasileira, por sua vez, fez reverberar efeitos de sentido de punição, de repressão, de desconfiança, da não aceitação, da falta de qualidade, da limitação etc. Tais efeitos de sentidos nessas posições-sujeito citadas, foram reatualizados nesta charge pela posição-sujeito de cliente consumidor, que ao ser indagado pelo sujeito-garçom se queria bife bem passado ou mal passado, afirmou preferir bife “benzido”. Desse modo, favorecendo a evidência de que o efeito de sentido provocado pelo sujeito é um objeto histórico linguístico-social.

Por fim, torna-se importante pontuar que foi pelo acionamento da memória discursiva nesta materialidade chargística que se tornou possível observar como aparecem na exterioridade posições-sujeito e discursos-outros, pois esta charge funciona tocada pela determinação histórica, mas não por um determinismo, pois, de acordo com Orlandi (2012), é porque há uma determinação histórica que os sentidos permanecem, mas também é porque a determinação é histórica que eles podem mudar. É desse modo que há formulações novas (a carne é fraca), que aparecem na mídia impressa e eletrônica em todo o território brasileiro e internacional, apontando que o sentido sempre pode ser outro.

#### 4 Considerações finais

O presente trabalho mostrou efeitos de sentidos produzidos a partir da inscrição da operação da Polícia Federal do Brasil, que produziu e fez circular o enunciado **carne fraca**. Tal enunciado surgiu por motivos de agentes da Polícia Federal brasileira terem encontrado provas de que algumas empresas do ramo alimentício estavam praticando, no Brasil, a adulteração de pacotes para venderem produtos que já haviam expirado e com níveis químicos mais altos do que o permitido por lei, em peças como cabeças de porco misturadas com salsichas e frios.

Tal acontecimento fez reverberar na imprensa nacional e internacional vários efeitos de sentido, tais como: desconfiança, medo, repúdio, indignação, descrédito, reprovação, restrição, punição etc. Desse modo, como algo que desliza na cadeia

significante, a memória discursiva foi acionada por meio de uma charge que se inscreveu numa memória discursiva para enunciar. Logo, não interessou a este artigo a organização da charge, mas sim, o que a essa charge organiza em sua discursividade em relação à ordem da língua e à ordem das coisas. Dito de outro modo, a sua materialidade, como bem defende Orlandi (2005). Assim, essa charge funciona, aqui, como objeto linguístico-histórico. Nesse viés, entende-se que o sentido não é imanente a charge analisada, mas se produz nessa relação, que é sempre linguístico-histórica.

Nesse ponto, via memória discursiva, a charge analisada apontou para a exterioridade, para o já-dito noutra lugar e, assim, este artigo mostrou as relações estabelecidas entre a materialidade discursiva chargística e a historicidade via inscrição de sujeitos que enunciam de um lugar de poder de uma autoridade internacional, como, por exemplo, o presidente da China, que junto a outras autoridades internacionais fizeram circular efeitos de sentido de veto, de repreensão, de repúdio, de desconfiança, de negação e de proibição a toda a carne que fosse originária do Brasil.

Em outras palavras, o sujeito do discurso ocupa um lugar de onde enuncia, e é este lugar, entendido como a representação de traços de determinado lugar social (o lugar do cliente, do garçom, do policial, de autoridades internacionais), por exemplo, que determina o que ele pode ou não dizer a partir dali. É nesse ponto que, conforme Pêcheux (1969) e Orlandi (2012), essa charge foi analisada como unidade de sentido em relação à situação. Desse modo, pode-se observar o acionamento da memória discursiva com ecos que ressoam advindos de outro lugar e é nesse ponto que o sujeito se produz produzindo sentidos.

E assim este trabalho mostrou como a inscrição numa determinada posição-sujeito pode provocar efeitos de sentido, pois é a partir desse lugar discursivamente constituído nessa posição, que conforme nos diz Orlandi (2012) e Pêcheux (1969), sujeitos e sentidos se constituem mutuamente. Logo, tanto o sujeito-garçom mostrado na charge precisou enunciar a partir de sua inscrição historicizada numa posição-sujeito, quanto o sujeito policial e o sujeito autoridade internacional também precisam enunciar a partir de um lugar constitutivo por uma ideologia que cliva e lhes fazem esse sujeito desejante por completude em suas posições-sujeito. Ainda de acordo com os autores, é nessa relação constitutiva que a incompletude atesta a abertura do simbólico, do imaginário, pois a falta é também o lugar do possível. Foi por esse ângulo analítico, que posições-sujeito foram recuperadas e reatualizadas pelo funcionamento da memória discursiva, que permite observar a trama de sentidos nessa citada materialidade chargística.

Logo, se a charge significa é porque ela tem textualidade, ou seja, porque a sua interpretação deriva de um discurso que lhe fornece sustentação, advindo de uma realidade significativa, por meio de uma determinação, que é histórica. Então, pensar a noção de charge nesse trabalho apontou para a compreensão da relação entre:

língua, sujeito, sentido e historicidade. Isso mostrou que, pela ótica da Análise do Discurso de linha francesa, podemos apreender a charge através dos meios que a materializam e que lhe atribuem uma forma material.

## Referências

- BRANDÃO, H. H. **Introdução à análise do discurso**. Campinas: Editora Unicamp, 2004.
- CHARGE CARNE FRACA (2017). **As Charges do dia**. Disponível em: <[http://bastidoresdanoticiadracena.blogspot.com/2017/03/as-charges-do-dia\\_18.html](http://bastidoresdanoticiadracena.blogspot.com/2017/03/as-charges-do-dia_18.html)>. Acesso em: 21 mar. 2019.
- INDURSKY, F. **A fala dos quartéis e as outras vozes**. Campinas: Unicamp, 1997.
- \_\_\_\_\_. **A noção de sujeito em AD: do desdobramento à fragmentação**. ANPOLL, Porto Alegre, 2000.
- LAGAZZI, S. Linha de Passe: a materialidade significativa em análise. **RUA – Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade**, Campinas, v. 2, n. 16, p.173-182, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8638825/6431>>. Acesso em: 12 jan. 2012.
- \_\_\_\_\_. Recorte significativa na memória. In: INDURSKY, F.; LEANDRO FERREIRA, M. C.; MITTMANN, S. (orgs.). **O discurso na contemporaneidade: materialidades e fronteiras**. São Carlos: Claraluz, 2009, p. 67-78.
- G1. **Imprensa internacional repercute operação Carne Fraca no Brasil**. Polícia Federal investiga esquema de venda ilegal de carne. Jornais destacam que empresas envolvidas são as principais exportadoras do Brasil. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/imprensa-internacional-repercute-operacao-carne-fraca-no-brasil.ghtml>>. Acesso em: 21 mar. 2019.
- MARIANI, B. **A escrita e os escritos: reflexões em análise do discurso e em psicanálise**. São Carlos: Claraluz, 2006.
- MARINGONI, G. **Humor da charge política no jornal Comunicação & Educação**. São Paulo: Moderna, 1996.
- ORLANDI, E.P. **Discurso e texto: formação e circulação dos sentidos**. Campinas: Pontes, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Discurso Fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional**. 3 ed. Campinas/SP: Pontes, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Análise do Discurso: princípios & procedimentos**. São Paulo: Pontes, 2005.
- \_\_\_\_\_. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. Campinas: UNICAMP, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Discurso em Análise: sujeito, sentido, ideologia**. Campinas, SP: Pontes, 2012.
- PÊCHEUX, M. (1969). Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. **Por uma análise automática do discurso**. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: UNICAMP, 1990. p.61-162.
- \_\_\_\_\_. Papel da memória. In: ACHARD, P. et al. (org.). **Papel da memória**. Tradução e introdução de José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999, p. 49-57.
- \_\_\_\_\_. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1988.
- \_\_\_\_\_. **O discurso: Estrutura ou acontecimento**. 2 ed. São Paulo: Pontes, 1997.
- SILVA, C. L. M. **O trabalho com charges na sala de aula**. Pelotas, RGS: UFRGS, 2004.
- TORRES, C. A. **Democracia, educação e multiculturalismo: dilemas da cidadania em um mundo globalizado**. Petrópolis: Vozes, 2001.

# Weak meat operation: discourse, memory and subject positions in a discursive analysis

**Revista Falange Miúda**  
ISSN 2525-5169

**Periodicity:**  
Fluxo contínuo

**Volume 4**  
**Number 2**

**Received in:** 13/08/19  
**Approved in:** 30/09/19

## **Abstract:**

Based on the French Discourse Analysis, this paper analyzes a charge, in a social event alluding to Operation Weak Meat, of the Federal Police, which placed check the credibility of meat sold in / from Brazil. Thus, China, the States and european countries produced vetoes and restrictions to the Brazilian meat market. In this direction, this article analyzes the activation of discursive memory, subject-positions and the effects of meaning produced from the circulation of this utterance. To this end, it promotes an analytical gesture of how this discursive charginic materiality produces effects of meaning in this constitutive relationship between paraphrase and polysemy.

## **Keyword:**

Discourse Analysis. Discursive Memory. Subject-position.